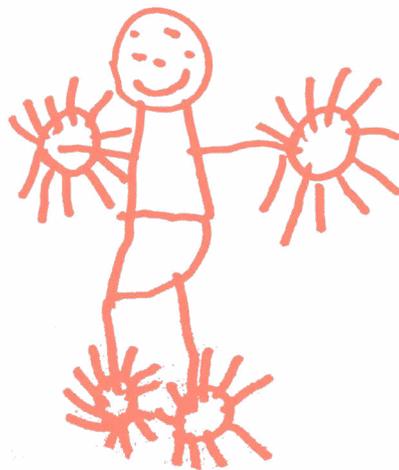


5



Volume

Novo Olhar

para a infância

A documentação pedagógica: Instrumento de avaliação, para além do livro da vida, dos portfólios e dos boletins



CAMPINAS, FEVEREIRO DE 2022

FUNDAÇÃO FEAC

COORDENADORA DO PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA EM FOCO
DA FUNDAÇÃO FEAC

Juliana Saliba Di Thomazo

ANALISTAS DE PROJETOS DO PROGRAMA PRIMEIRA INFÂNCIA EM FOCO
DA FUNDAÇÃO FEAC

Stelle Daphine Goso

Teresinha Klain Moreira

SUPERINTENDENTE SOCIOEDUCATIVO DA FUNDAÇÃO FEAC

Jair Resende de Almeida Silva

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor Prof. Dr. Antônio José de Almeida Meirelles

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Coordenador Prof. Dr. Carlos Raul Etulain

PROGRAMA DE ESTUDOS DE POLÍTICA PÚBLICA
PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Coordenadora do Programa e do Projeto

Prof. Dra. Roberta Rocha Borges

Maria Sandra de Oliveira

REVISÃO PEDAGÓGICA

Maria Sandra de Oliveira

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Murilo Braga

PROJETO GRÁFICO

Comunicação FEAC

DESENHO DE CAPA

Vera da Glória, 4 anos.

REVISÃO TEXTUAL

Patrícia Fernanda de Andrade Romera

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PEPPEI-NEPP/UNICAMP

Maria Stella Braga

Monica Segura

Murilo Braga

Paula Ourique

Catálogo na Publicação (CIP)

Elaborada por Maria do Carmo de Oliveira – CRB-8ª/4623

Um novo olhar para a infância: a documentação pedagógica - instrumento de avaliação, para além do livro da vida, dos portfólios e dos boletins/ Fundação FEAC, Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, Programa de Estudos de Política Pública para a Educação Infantil. Campinas, SP.: FEAC/NEPP/UNICAMP, 2022. v. 5.

Publicação disponível em formato PDF(e-book).

ISBN: 978-65-87175-25-6

1.Educação infantil. 2. Infância. 3. Creche. 4. Pré-escola. I. Fundação

FEAC. II. Universidade Estadual de Campinas. III. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. IV. Programa de Estudos de Política Pública para a Educação Infantil

Índice

06

Apresentação

07

Abertura

08

Introdução

10

Capítulo 1

15

Capítulo 2

31

Capítulo 3

Novo Olhar para a infância

A documentação pedagógica:
Instrumento de avaliação, para
além do livro da vida, dos
portfólios e dos boletins

- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS/ PROGRAMA DE ESTUDOS DE POLÍTICA PÚBLICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
- INSTITUTO ARCOR BRASIL
- FUNDAÇÃO FEAC



Apresentação

Toda criança gosta de brincar livremente, experimentar e descobrir. Mais que gostar, BRINCAR é um dos direitos de meninos e meninas, garantido por lei e defendido pelo programa Primeira Infância em Foco (PIF) da Fundação FEAC. Conviver com outras crianças, participar ativamente e explorar as experiências ricas que o cotidiano oferece são direitos das crianças, essenciais para o seu universo de saberes, repertório de conhecimentos e desenvolvimento pleno. Entendendo que as escolas de educação infantil são espaços privilegiados para que essas experiências ocorram, uma das estratégias do programa têm sido apoiar Organizações da Sociedade Civil (OSC), parceiras da Fundação, por meio de assessoria, formação e apoio institucional.

Fundada em 1964, a Fundação FEAC tem como missão contribuir para a promoção humana, a assistência e o bem-estar social, com prioridade à criança e ao adolescente de Campinas. Para cumprir essa missão, o programa Primeira Infância em Foco investe nas instituições e em iniciativas que tenham como foco o desenvolvimento da criança, com principal atenção aos seis primeiros anos do desenvolvimento. Um dos principais projetos apoiados pelo Programa PIF, o Novo Olhar, estabelece uma parceria com 33 Organizações da Sociedade Civil, que atuam com a educação infantil, supervisionadas pelo Núcleo das Escolas Conveniadas da Secretaria Municipal de Educação. Tais organizações estão distribuídas em diferentes regiões do município, no entanto, a maioria tem em comum a vulnerabilidade das populações que residem em seu entorno.

O caderno que você tem agora em mãos é o primeiro da coleção Novo Olhar para a Infância, fruto de uma parceria entre a Fundação FEAC, por meio do Projeto Novo Olhar, com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), representada pelo Núcleo de Estudos em Políticas Públicas (NEPP).

A intenção deste material é contribuir, de forma sensível, para que as escolas sejam, mais e mais, espaços que priorizem a cultura da infância e o desenvolvimento de crianças pequenas, oportunizando reflexões e ações estratégicas diante dos elementos pulsantes da vida cotidiana dentro da escola.

Esperamos que vocês gostem,

Juliana Saliba Di Thomazo

O Instituto Arcor Brasil, fundado em 25 de maio de 2004, tem como missão contribuir para que crianças e adolescentes tenham igualdade de oportunidades por meio da educação. Suas três linhas de atuação são: infância e desenvolvimento integral nos primeiros anos, infância e vida saudável e infância na agenda pública. É parceiro da Fundação FEAC desde 2019, por meio do Programa Primeira Infância em Foco e do Projeto Novo Olhar, pois acredita que ações desenvolvidas em parceria potencializam o investimento social, ampliam o aprendizado e compartilham o olhar.

Milena Porreli Drigo Azal
Coordenadora de programas socioeducativos do Instituto Arcor Brasil

Abertura

Apauta da infância, com toda a sua amplitude e complexidade é uma das prioridades entre os diversos programas a que a Fundação FEAC se dedica, destacando-se, nesse sentido, o Programa Primeira Infância em Foco (PIF).

Desde o ano de 2019 temos uma parceria com o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, que oferece suporte técnico ao Projeto Novo Olhar, voltado ao desenvolvimento infantil. A aproximação com a academia fortalece e embasa a equipe técnica do programa e potencializa a melhoria da qualidade da oferta às equipes gestoras e escolares das OSC de Educação Infantil parceiras da FEAC, um dos objetivos essenciais do PIF.

A publicação Novo Olhar para a Infância é mais um passo no sentido de valorizar e aperfeiçoar o trabalho dos profissionais da educação e aproximar as famílias, nesse esforço coletivo em prol de uma escola que promove a gestão democrática, onde o desenvolvimento pleno da criança é prioridade, assim como o cuidado e o fortalecimento das suas habilidades socioemocionais.

Entendemos que a educação é um bem público e acreditamos que o Novo Olhar para a Infância pode contribuir para que as crianças possam desfrutá-la com equidade de oportunidades.

Jair da Silva Resende

**“
A infância não existe, nós
a criamos na sociedade,
como tema público. Trata-se
de uma construção social,
política e histórica.”**

Rinaldi, C. p. 39, 2012

Introdução

Um novo olhar para a infância, é o título que escolhemos para uma série de cinco cadernos temáticos que nascem de um Acordo de Cooperação entre Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), representada pelo Programa de Estudos em Políticas Públicas para Educação Infantil (PEPPEI) do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas (NEPP) e a Fundação FEAC, instituições que se uniram com o propósito de apresentar referenciais teóricos e práticos no campo da educação infantil, em defesa de uma escola de qualidade.

É da maior importância tornar visível a relevância do trabalho das escolas de educação infantil para a nossa sociedade e assegurar o respeito dessa importante etapa da Educação, pois assim garantiremos o direito de todos os bebês e crianças pequenas a terem uma escola e uma infância digna. Nessa perspectiva, no primeiro caderno discutiremos o Projeto Educativo da Educação Infantil.

Afinal, qual é a finalidade e a identidade da educação infantil? Por que a Educação é tão importante e necessária neste período? Que projeto educativo defendemos para essa etapa da educação Infantil?

Nesse caderno, desejamos trazer uma discussão profícua a partir dessas indagações revelando em sua estrutura um projeto educativo contemporâneo, pautado numa gestão democrática e com uma didática inovadora, para tornar visível e significativo o trabalho cotidiano que a comunidade de profissionais da educação infantil desenvolve com os bebês e as crianças.

Os outros quatro cadernos trarão temas centrais de uma didática apropriada que torna o dia a dia da educação infantil um cotidiano extraordinário.

A escola deve ser um espaço de vida e de experiências, ricas e significativas tanto para os bebês como para as crianças desenvolverem-se plenamente. Então, refletiremos sobre: a organização dos ambientes da escola de educação infantil, a pesquisa das crianças e o professor pesquisador, as cem linguagens da criança, a cultura e a arte e a documentação pedagógica, o livro da vida e o portfólio como instrumentos de avaliação. Esses cadernos temáticos servirão de apoio aos Grupos de Estudos projetados sobre o mesmo assunto das temáticas dos Cadernos.

Tais grupos de estudo fazem parte de um percurso formativo dedicado às equipes gestoras e aos professores das 33 OSC de educação infantil parceiras da Prefeitura Municipal de Campinas e da Fundação FEAC.

Sendo assim, o nosso propósito é unir esforços entre a Unicamp, representada pelo NEPP e a Fundação FEAC, no intuito de articular projetos de cunho científico para a primeira infância, olhando para a realidade das escolas de educação infantil de maneira cuidadosa e contribuindo com literatura atualizada, estudos e ações estratégicas para a singularidade de cada uma dessas realidades.

Acreditamos que essas ações contribuirão para o avanço, para as transformações e para os desafios no campo da educação infantil.

O NEPP/Unicamp, particularmente no que se refere ao trabalho com a infância, vem se destacando como um centro de excelência no desenvolvimento de pesquisas e formação sobre experiências educativas baseadas na pedagogia da escuta e da participação. O referido Núcleo vem apoiando instituições educativas na realização de ações e desenvolvimento de projetos fundamentados na pesquisa educacional e na Prática Democrática com vistas à melhoria da qualidade do ensino nacional.

Os trabalhos e estudos do PEPPEI fundamentam-se na Prática Democrática, que constitui uma forma de governança participativa, partindo de pesquisas que nascem do contexto real das escolas e da busca por promover o envolvimento de todos os atores do cenário educativo em cada uma das etapas da gestão educacional, ou seja, seu planejamento, execução, documentação e avaliação.

O engajamento de crianças, educadores, famílias, gestores, comunidade, baseado na prática democrática, utiliza a metodologia do Design Participativo, como estratégia tanto para a formação, quanto para o diagnóstico, implementação e acompanhamento da adequação dos serviços voltados à primeira infância

Portanto, a ideia da criação dessas ações entre a Fundação FEAC e a Universidade, engajando os professores e os gestores dos contextos educativos das OSC, é algo muito significativo e valioso. Acredita-se ainda, que contribuirá de maneira expressiva na formação teórico-prática dos professores e gestores da educação infantil e no avanço de suas práticas, contribuindo de forma exponencial para a melhoria da qualidade da oferta nas instituições de educação infantil.

Roberta Rocha Borges



Capítulo 1

A documentação pedagógica como instrumento de avaliação, para além do livro da vida, dos portfólios e dos boletins

Neste texto apresentaremos pelo menos quatro perspectivas utilizadas como práticas de registros avaliativos na educação infantil que percebemos em nossa atualidade: o livro da vida, o portfólio, fichas avaliativas (boletins) e a documentação pedagógica.

Por vezes, esses conceitos aparecem entremeados, mas o leitor/educador atento

perceberá as nuances e diferenças em cada uma dessas propostas. Nossa intenção não é menosprezar uma prática em detrimento de outra, mas, como pesquisadores, nossa abordagem avaliativa certamente aponta mais para a prática da documentação pedagógica, até por isso grande parte desse caderno se dedicará a apresentar esta última, com mais aprofundamento e detalhes.

1.1 O livro da vida

A proposta pedagógica de Freinet (1976) era totalmente contrária e crítica ao ensino escolástico tradicional, assim esse pedagogo acabou se tornando o precursor da escola moderna na França. Ele considerava fundamental o interesse do educando no ato de aprender e ensinar, por isso, desenvolveu com sua prática cotidiana de professor da escola primária um ensino que ele mesmo chamou de “vivo”, um ensino contemporâneo da ciência e da tecnologia, síntese do trabalho material e não material.

Como Freinet valorizava a ação da criança, sua pedagogia a trazia para o centro das aulas. Para

isso, ele criou “técnicas” que proporcionavam a aprendizagem ativa e carregada de vida, entre elas: a aula passeio, a hora da conversa, o texto livre, a imprensa escolar, a correspondência interescolar, a conferência, o desenho, as fichas de trabalho, a biblioteca de trabalho e o livro da vida (Para saber mais, vale ler Freinet e Salengros, 1977).

O livro da vida é uma prática pedagógica proposta por Célestin Freinet, na qual, em um caderno da turma, os alunos registram suas impressões e descobertas sobre si e sobre o cotidiano escolar, por iniciativa própria e/ou de forma dirigida. O principal objetivo do livro da vida é a reflexão do

indivíduo ou do grupo ao lembrar e registrar os fatos cotidianos que envolveram a vida da sala, da comunidade escolar e não escolar e que estiveram entre os conteúdos estudados, relacionando-se as impressões de cada um e do entorno, com descobertas recorrentes (AMORIM, 2007).

A prática do registro por meio do livro da vida é bastante relevante como marco de produção de avaliações processuais e cumulativas. Entretanto, ainda nessa prática, não percebemos o registro reflexivo do educador sobre como ele percebe os

processos de aprendizagem e saberes de seus alunos. Mas isso poderemos perceber melhor mais adiante quando conceituarmos a documentação pedagógica na perspectiva *reggiana*.



1.2 Os portfólios

O portfólio é uma ferramenta de avaliação que permite operacionalizar a avaliação formativa, contínua e sistemática. O portfólio pode tornar o processo avaliativo mais humanizado que os boletins informativos, uma vez que permite que o aluno participe da sua elaboração,

organização e construção. Possibilita que professor e aluno visualizem o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem.

Segundo Villas Boas (2008, p. 38, apud VILLAS BOAS, 2001, p. 207),



Em educação, o portfólio apresenta várias possibilidades; uma delas é a sua construção pelo aluno. Nesse caso, o portfólio é uma coleção de suas produções, as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem. É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar o seu progresso. ”

(VILLAS BOAS, 2001, p. 207)

Há escolas que produzem alguns tipos de documentação, como é o caso dos portfólios (físicos ou digitais), os quais consistem num compilado de produções da criança em determinado período ou a partir de um projeto didático, como explicitado na citação anterior.

Esses portfólios são importantes como registros avaliativos, contudo, quando propomos documentação pedagógica na perspectiva da pesquisa e inspirados nos trabalhos do idealizador

da documentação pedagógica Loris Malaguzzi, os portfólios ainda não traduzem o cerne da documentação pedagógica tal qual queremos discutir aqui, pois, apesar da compilação, os materiais de um portfólio não dão conta de narrar profundamente as falas das crianças, as proposições e mudanças de pensamento lógico-criativo ao longo do processo. Em grande parte, os portfólios nascem com objetivo de comunicar um produto de um determinado projeto vivido com as crianças.

Os objetivos do portfólio estão mais para demonstrar um compilado de produções da criança ou de uma turma em determinada situação e menos para narrar os aprofundamentos de uma pesquisa realizada com as crianças. Claro que portfólios têm seu valor, mas ainda assim estão aquém de ser uma documentação pedagógica tal qual defenderemos aqui.

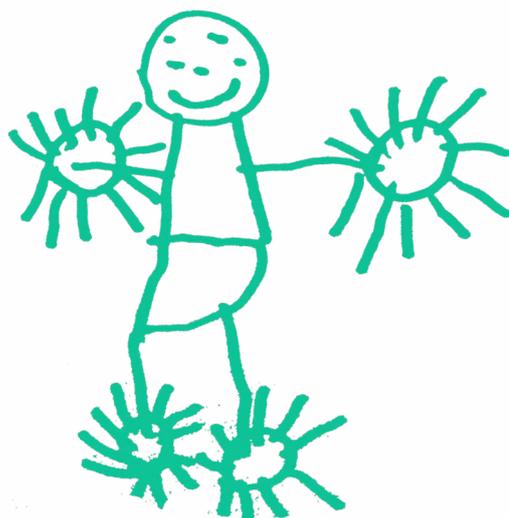
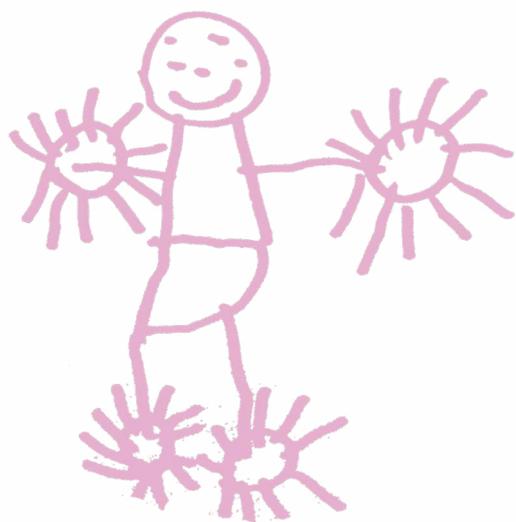
Enquanto o portfólio pode ser gerado a partir de qualquer modelo de trabalho pedagógico, a documentação pedagógica está totalmente ligada ao desenvolvimento de pesquisa com as crianças, com a pedagogia das relações e da escuta, com uma pedagogia que prioriza a cultura das infâncias e a ela dá visibilidade.

1.3 As fichas avaliativas ou boletins informativos e/ou descritivos

Há ainda escolas de educação infantil que optam por fichas avaliativas ou boletins informativos, extremamente rígidos, com tabelas de “sim”, “não”, “em construção” (ou termos similares), como indicadores de competências e habilidades esperadas em determinada faixa etária. Sim! Isso existe ainda em muitas escolas de educação infantil no Brasil de grandes proporções que habitamos.

Há ainda as fichas avaliativas ou boletins descritivos que, como o próprio nome

diz, se preocupam em narrar até que ponto cada criança conseguiu adquirir habilidades cognitivas, lógicas, emocionais, comportamentais, dentre tantas que se pode elencar como objetivo pré-fixado para a faixa etária. No entanto, deixamos claro que não são esses tipos de documentos burocráticos, meros instrumentos prescritivos, restritivos, classificatórios, de que estamos falando aqui quando propomos a discussão sobre documentação pedagógica.



O que é documentação pedagógica?



Conexões naturais



uma composição
formas e cores
luz e sombra
natureza,
humano.

Observações *primeiras explorações*

A cruz de Jesus

Uma composição
em movimento



*A simetria das formas
a narrativa das cores*



*A simetria das linhas
as formas do coração*



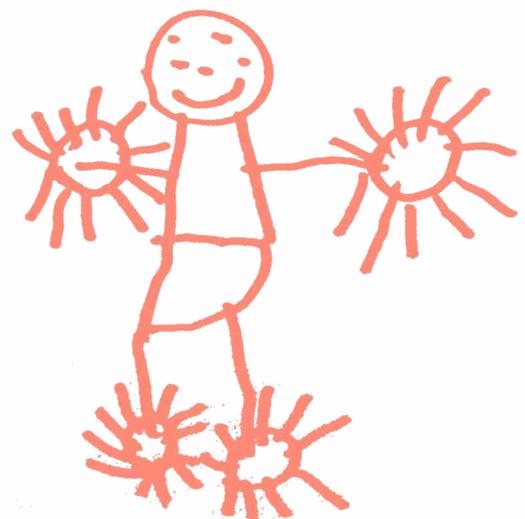
Primeiras composições individuais



*José desenha um jota.
"É de José"*



A bandeira
de flores



Uma composição coletiva

Como me conecto com o outro e consigo criar em harmonia, como me organizo para isso?



Caminhos



e



Conexões

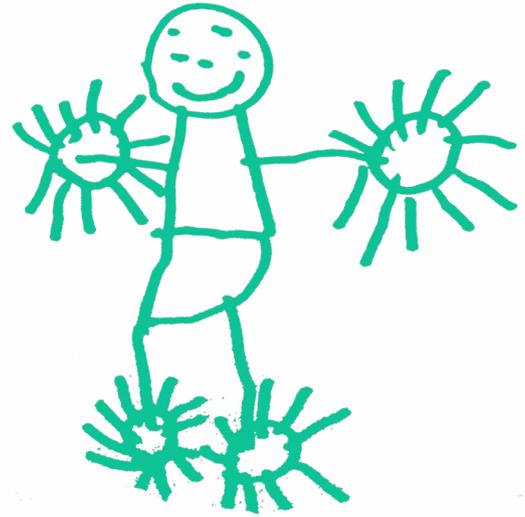
Surgem conexões no grupo e são expressas na mesa de luz pela conexão das formas.

Como me conecto com o outro e que raciocínio lógico desenvolvo ao "ligar", sequenciar materiais tão delicados e diversos?



Caminhos eu e o outro

ligar, sequenciar, seriar
desenhar, experimentar formas
cores, luz, orquestra de muitas mãos



A conexão no gesto
nas formas
nas pétalas
nas cores
no corpo

do encontro com o outro
o eu que compõe na tela de luz
A natureza e o humano

Capítulo 2

A documentação pedagógica: registros potentes para diferentes abordagens educativas

Iniciamos o nosso diálogo sobre documentação pedagógica a partir de duas perguntas fundamentais:

- O que num primeiro momento podemos entender por documentação?
- O que podemos entender por documentação pedagógica?

Ao lançarmos essas perguntas, muitas possibilidades vêm à tona, por exemplo: documentação é algo que registra a vida ou algo sobre a vida de alguém ou algum objeto/bem; um conjunto de documentos que demonstra ou comprova alguma situação; corriqueiramente, usamos nossos documentos ou documentação pessoal, nesse sentido, para provar de onde viemos, onde nascemos, quais são nossas origens genealógicas, nossa situação civil, etc.

O fato é que, apesar das diferentes respostas ou concepções sobre o que são “documentos ou documentação”, logo vem a nossa mente que esses termos se referem a algo sério, a certos conjuntos de materiais que, possuindo rigor na produção, são capazes de conferir autenticidade, veracidade, credibilidade e visibilidade sobre o que comunicam.

E a documentação pedagógica? Seria todo esse aparato comprobatório de documentos, mas aplicado às práticas pedagógicas, ao ensino e às aprendizagens?

Será que documentação pedagógica seria só isso? Juntar documentos comprobatórios sobre a vida escolar de nossas crianças?

Com um pouco de aprofundamento, percebemos que documentação pedagógica está para além do juntar, reunir documentos comprobatórios sobre a trajetória escolar. Claro que no ato de realizar uma documentação pedagógica, se junta, reúne, se confecciona documentos, mas não é só o ato de reunir fatos e fotos da trajetória escolar, por exemplo, que torna esse compilado de materiais uma documentação pedagógica em seu aspecto mais profundo e abrangente.

Então, o que seria uma documentação pedagógica na concepção que trazemos, ou melhor, o que seria documentação pedagógica na perspectiva de Loris Malaguzzi? Afinal, de que documentação pedagógica estamos falando?

2.1 O que é documentação pedagógica?

Estudando os materiais e as práticas das escolas de Reggio Emilia na Itália, onde nasce a prática da documentação pedagógica com o autor Loris Malaguzzi, encontramos várias pistas sobre o que é essa concepção de documentação pedagógica que aqui expressaremos de modo breve.



O conceito de documentação como coletânea de documentos feitos para comprovar a veracidade de um fato ou para confirmar uma tese está historicamente relacionado com o nascer, com a evolução do pensamento científico e com uma conceitualização do saber como identidade objetiva e demonstrável [...]

(Carla Rinaldi, 2012)

No entanto, documentação pedagógica está para além desse ato de colecionar documentos que comprovam veracidade ou confirmam alguma tese. Documentação pedagógica é, sobretudo, entendida como um instrumento para reflexão sobre

a prática pedagógica e um meio para a construção de um relacionamento ético com nós mesmos, com o OUTRO e com o mundo – o que se tem denominado ÉTICA de um ENCONTRO.

Como surge uma documentação pedagógica?



A montagem do contexto investigativo

Projetado a partir da escuta das crianças e da pesquisa da turma

Desse modo, a documentação pedagógica é uma estratégia para elaborar e reelaborar conhecimentos, elaborar e reelaborar práticas de ensino, mas também um meio de dar visibilidade aos processos de ensinar e aprender vividos pelas crianças e pelos educadores no contexto escolar.

Ao reunir anotações, fotos e outros materiais que fazem parte do escopo e da construção de uma documentação pedagógica,¹ o aspecto central nessa compilação não é apenas narrar uma história de modo linear ou uma “verdade” sobre a experiência vivida com a criança, com os grupos com os quais nos relacionamos – aliás, nem acreditamos que exista “verdade única” sobre algum acontecimento, mas o aspecto central da documentação pedagógica consiste justamente no fato de ter todo esse aparato compilado como um desencadeador para a REFLEXÃO sobre a prática pedagógica, para revisitar o que se fez, analisar, perceber,

construir e reconstruir sentidos sobre o vivido.

Assim, a documentação pedagógica é a grande alavanca que nos coloca a repensar as nossas escolhas políticas e pedagógicas no próprio ato de ensinar e aprender na companhia de outros; a documentação nos faz enxergar outras perspectivas: Como estamos organizando nossos encontros com as crianças? Como estão as relações entre nós e elas? Entre elas e seus pares?

As conjecturas que cada qual faz individualmente e que como grupo fazemos com o contexto em que estamos inseridos dão visibilidade às teorias e aos saberes que criamos, ressignificamos e produzimos isoladamente ou em grupos.

Documentar os processos pedagógicos na escola permite a formulação de perguntas elucidativas, tais como:

- Por que escolhi essa organização de ambiente e não outra?
- Poderia ter organizado diferente?
- É possível retomar essa curiosidade expressa pela criança em outro momento? Se sim, de que forma?
- É possível ampliar os saberes explicitados nessa fala ou naquela observação feita no pequeno grupo, de modo que todos possam usufruir do caminho da pesquisa que essa observação de determinada criança nos provoca?
- Como professor, eu fiz boas escutas nesse contexto?
- O que percebi durante as construções e formulações de teorias das crianças?
- Qual interesse cada qual tem demonstrado nesse grupo e individualmente?
- O que eu tenho aprendido com as crianças nessa trajetória?
- Para onde queremos prosseguir?

¹Trataremos dessas facetas instrumentais da documentação pedagógica em seus pormenores mais adiante e ao longo deste texto.

Para Loriz Malaguzzi, idealizador da documentação pedagógica, ela é “uma ferramenta extraordinária para o **diálogo**, para a **troca**, para **compartilhar**. Significa a possibilidade de discutir e dialogar “tudo com todos” (professores, auxiliares, cozinheiros, famílias, administradores, cidadãos), tornando-nos capazes de discutir coisas reais e concretas, não apenas teorias e palavras (Hoyuelos, 2004).

Com a documentação pedagógica, Loriz Malaguzzi almejava também tornar visível para uma cidade a potência intelectual e a cultura da criança. Foi uma forma que ele encontrou de saltar os muros da escola e mostrar ao mundo a beleza dos pensamentos e das estratégias que as crianças podem ter, a partir de um desafio real.

Assim posto, podemos assumir que a documentação pedagógica:

- é instrumento e estratégia para a reflexão e realização do trabalho pedagógico e da escola;
- é a ética experimentada num encontro entre pessoas (adultos e crianças, educadores e educandos), que torna visível e compartilhado com as famílias e comunidade o conhecimento das crianças e dos educadores;
- narra as experiências e o processo de pensamento das crianças percebidos durante a trajetória escolar;
- legitima a infância e a educação, uma vez que dá escuta e visibilidade às produções das crianças, às suas vozes e suas culturas.



A documentação pedagógica pode contribuir para uma autorreflexividade aprofundada e nos dizer algo sobre a maneira como temos nos constituído como pedagogos, pois nos ajuda a contar a nós mesmos uma história sobre nós [...] por meio da documentação, podemos mais facilmente ver e questionar a nossa imagem de criança, os discursos que incorporamos e produzimos e que voz, direitos e posição a criança adquiriu em nossas instituições dedicadas a primeira infância. ”

(DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2019)

Ora, disso depende-se que o sentido da escola e a imagem de criança que temos são revelados diretamente na documentação pedagógica que produzimos, pois nela é possível ver com maior clareza as teorias, os pensamentos e as produções das crianças. É possível identificar a identidade da escola de primeira infância por meio do “que” e “como” valorizamos nesse espaço escolar as relações e as produções das crianças.

Em grande parte, podemos afirmar que “só se vê o que se documenta”, o que não se documenta se perde. Perde-se pela memória que cessou, pela educadora que se foi, pelas transformações que o próprio tempo e processo nos fizeram. Quanta coisa se vive e se faz no processo de ensinar e aprender que são perdidas pela falta do registro documental, pela ausência de uma narrativa escrita, pela ausência de uma gravação audiovisual realizada, pela falta de

uma fotografia, ou seja, pela ausência da organização desses ricos materiais na forma de uma valiosa documentação pedagógica.

A documentação pedagógica afixada nas paredes e murais da escola transmite diretamente ao interlocutor como se dão os processos de vida, de aprender e se relacionar na mesma escola. Além disso, cria memórias para a posteridade. Memórias são importantes, pois somente conhecendo nossa trajetória pregressa podemos projetar futuros melhores. Assim, é possível dizer que, pelo que se vê, se conhece através da documentação, pois assim compreendemos como se dão as construções de sentidos, as

buscas sobre o que se quer conhecer, saber, inventar e produzir na escola.



Rinaldi (2014) já alerta que o desafio do educador é justamente o de oportunizar a construção de sentidos e pesquisas que fazemos na escola com as crianças. Sem essa construção de sentidos, a escola perde a razão de existir, tanto para as crianças quanto para os educadores que nela trabalham. Dito de outra forma, com as palavras da autora:



Creio de fato que uma das primeiras perguntas que temos que nos fazer, como professores e educadores, seja esta: Como podemos ajudar as crianças a descobrir sentido do que fazem, do que encontram, do que vivem? E como nós mesmos podemos fazer isso?

(Rinaldi, 2014, p. 122)

Documentação da leitura e da escrita

Área de trabalho linguagem oral e escrita

Sugestão de materiais:

- Prateleira na altura das crianças
- Papéis de diferentes formatos e cores
- Envelopes
- Canetas hidrocor
- Caneta hidrocor preta
- Lápis e borracha
- Alfabeto móvel em madeira
- Rótulos (diversos produtos)
- Lousa, giz e apagador
- Revistas e jornais
- Livros de diversos gêneros (poesias, receita, contos de fadas, fábulas, etc)
- Literatura de cordel
- Parlendas, adivinhas e gibis
- Tapete e almofadas
- Letras de música
- Imagens e fotos
- Fantoche e dedochê
- Mapas
- Dicionário

Projetação:

Problematizações

O que é um bilhete?
Para quem as crianças irão escrever?
Qual será o assunto?

Contexto de aprendizagens

Materiais:

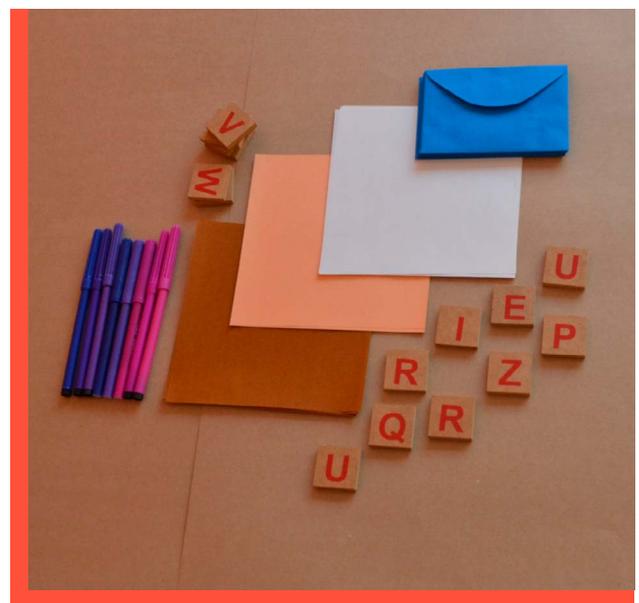
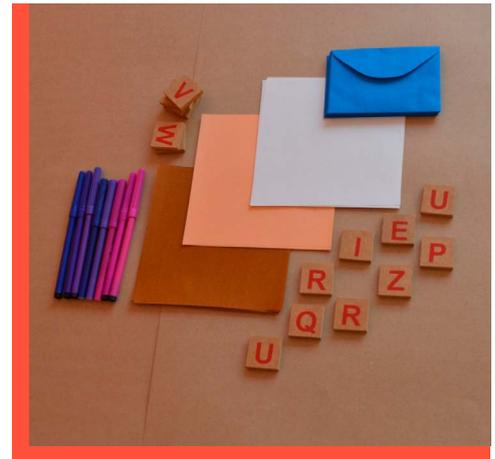
Papéis, canetas, envelopes e letras móveis (para apoio)

- Escolha da área de trabalho;
- Mapa de palavras;
- Justificativa da escolha do tema;
- Problema ou boas perguntas;
- Hipóteses;
- Pensar o contexto;
- Pré-figurá-lo;
- Viver a experiência;
- Colher os dados;
- Analisá-los.

Contexto de investigativo

A importância da organização
do contexto investigativo

respeito
ética cuidado interação
acolhimento
motivação curiosidade
estética
criatividade



Perguntas disparadoras

O que é um bilhete?



É uma coisa já escrita. Foi escrita por outra pessoa – Lucas H.

Para entrar no ônibus precisa de bilhete – Jose Pedro.

Eu já escrevi um bilhete, usei papel e giz – Arthur.

Lucas B..É uma cartinha, é um livrinho de cartinha – Lucas B.

As crianças foram convidadas a escreverem um bilhete.

Para quem escreveriam?

Sobre qual assunto escreveriam no bilhete?



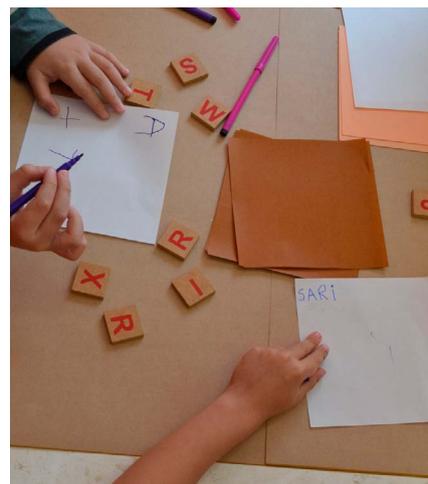
Jose Pedro

“Como faz o T? Quero escrever ‘te amo’.

Depois de escrever ‘te amo’, pede ajuda à professora para escrever o nome da mãe ‘Sabrina’.

Pausadamente a professora vai falando a palavra e ele escreve: ARN.

Ao observar sua escrita pensa que está faltando algo e acrescenta a letra ‘S’ no final da palavra, pois já sabe que essa letra tem no nome de sua mãe.

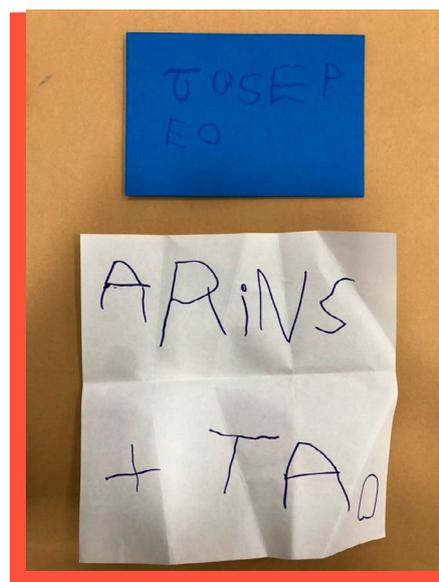


Lucas Pedro

Observa a escrita do amigo e diz “antes do ‘B’ tem o ‘I’.



Bilhete pronto



Jose Pedro

Escuta o conselho do amigo, volta seu olhar para o bilhete. Sua escrita não tem grafado a letra ‘B’, mas Jose Pedro acolhe a fala de Lucas e acrescenta a letra ‘i’ em seu bilhete, entre as letras “R” e “N”.

Podemos observar que a letra sugerida pelo amigo é menor que as de mais.

Jose Pedro

Empolgado com o término do bilhete logo pede um envelope e cuidadosamente dobra suas palavras como se fossem preciosas e não pudessem escapar.



Bilhete à espera de ser entregue.



Relançamento:

Observações e escuta	Possíveis focos de aprofundamento	Problematizações Novas perguntas	Contextos de aprendizagens
<p>Para Jose Pedro as letras correspondem com as propriedades sonoras das sílabas (ARINS = Sabrina TAO = Te amo)</p> <p>Nível de desenvolvimento definidos por Ferreiro e Teberosky (silábico com valor sonoro)</p>	<p>Diferentes tipos de escrita de bilhetes.</p> <p>Escrita de um único bilhete escrito por duas crianças - confronto de ideias e apoio nas hipóteses.</p> <p>(Jose Pedro escutou e acolheu a sugestão do amigo Lucas B.)</p>	<p>Ao se depararem com diferentes bilhetes, as crianças irão “perceber”:</p> <p>Os bilhetes são escritos em pequenos papéis.</p> <p>Pequeno texto entre pessoas.</p> <p>Para quem é o bilhete?</p> <p>Quem escreveu o bilhete?</p> <p>As crianças irão se interessar pela escrita dos bilhetes? Pedirão ajuda para ler?</p>	<p>Materiais:</p> <p>Diferentes bilhetes, com assuntos e papéis diversos.</p> <p>Novos papéis, caneta hidrográfica preta e alfabeto móvel em madeira.</p> <p>Situação problema: acabaram os envelopes da nossa escola. O que podemos fazer?</p>



Reflexão e estudo;

Diálogo entre os professores e equipe gestora;

Análise de toda documentação e escuta.

Desse modo, até aqui é possível afirmar a importância da documentação pedagógica no âmbito pedagógico, como afirma Rinaldi (2014): “De fato, a documentação é elaborada na sua valência reevocativa, isto é, como possibilidade reflexiva, em outras palavras, a documentação nos permite criar os esquemas de “relembrar – reexaminar – analisar – reconstruir”, reevocar as ações acontecidas e evocar as próximas ações a serem construídas no âmbito pedagógico.

A essa altura, fica a pergunta provocativa aos leitores: “Quais são os instrumentos

utilizados nas escolas de educação infantil (que vocês conhecem ou em que atuam) que tornam visíveis as aprendizagens das crianças e a vida do cotidiano? Esses instrumentos dão conta de tornar claro o processo da construção do conhecimento e teorias pelas crianças? Ou seu foco recai sobre a demonstração de um “produto final” ao término de algum momento pontual da trajetória escolar? Prestem bastante atenção, pois temos dois caminhos totalmente diferentes e antagônicos de acordo com as respostas a essas perguntas.

Ainda sobre a documentação pedagógica, vejamos o que fala o regimento das escolas e creches para a infância da comuna de Reggio Emilia.

2.7. Documentação pedagógica

A documentação é parte integrante e que estrutura as teorias educativas e didáticas, já que dá valor e torna explícita, visível e avaliável a natureza dos processos de aprendizado subjetivos e de grupo das crianças e dos adultos, individualizados por meio da observação, tornando-os um patrimônio comum.

A experiência educativa realizada na creche e na escola para a infância assume significado pleno se a documentação feita *in itinere* for revista, reconstruída, ressignificada e avaliada, isto é, interpretada, na comparação e com a contribuição de diversos pontos de vista.

Entendida como “lugar público”, a documentação dá substância à ideia de creche e escola, fórum em que se elabora, com um processo democrático, uma cultura da infância e da educação (Regimento das Escolas de Reggio Emilia, 2012).



Do caminho à folha das árvores

Tamanhos, frutos e estratégias

Na assembléia: recordar o vivido noutro dia...

“Viemos tirar foto da natureza” Beatriz



“O coco precisa crescer para ter água dentro dele, ele é verde e branco”
Olívia

“Eu tirei foto dessa árvores”. Lívia



“A palmeira tem um coquinho pequenininho e fica com água dentro dele. Precisa crescer”.
Beatriz

Relações



“Aquela é mais alta que meu braço”. Beatriz



“Eu alcanço a árvore com minhas pernas, o tamanho dela é muito grande” Lívia



“Viemos tirar foto da árvore e da Romã, do sol e da lua” Maria Fernanada



“As árvores são assim, são diferentes, são de tamanho diferentes. Essa é grande, essa é pequena”. Maria Fernanda

“São todas do mesmo tamanho” Mirella

“As três árvores são iguais, do mesmo tamanho” Rafael



E o desejo de tocar as folhas...

Surgem as estratégias para alcançá-las.



Na grande assembleia

“A árvore é muito alta, precisa pegar uma escada e duas vassouras grandes.” Maria Fernanda

“Pegar uma escada para alcançar desse tamanho”.
Beatriz





“Não consigo pegar lá em cima porque é muito alta, precisa pegar uma escada e uma vassoura.” Mirella

“Precisa pegar uma escada de bombeiro. Ela é maior, muito grande” Rafael



O convite ao desenho... podemos representar as estratégias para alcançar as folhas em desenho?

O convite ao desenho...



“Estou desenhando um macaco, porque ele sobe na árvore.” Rafael

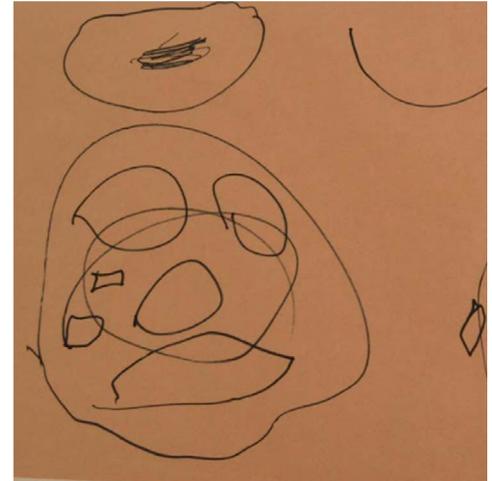
“Aqui é a escada e aqui você (professora) subindo, precisa subir mais para ficar mais alta.” Mirella



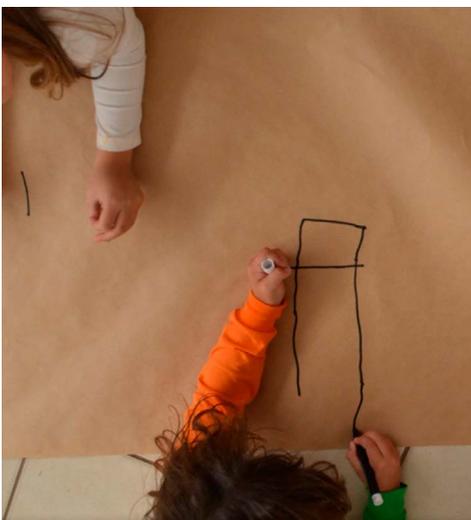
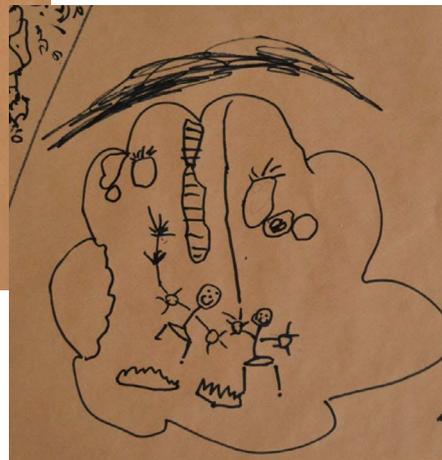


"estou desenhado o coco"
Beatriz

"fiz o guarda-chuva
para subir na árvore"
Lívia



"Essa é a professora falando que por
aqui sobe na escada." Maria Fernanda



O primeiro traço faz a
árvore e seu tronco...

Ganha as folhas





A escada e as fitas...

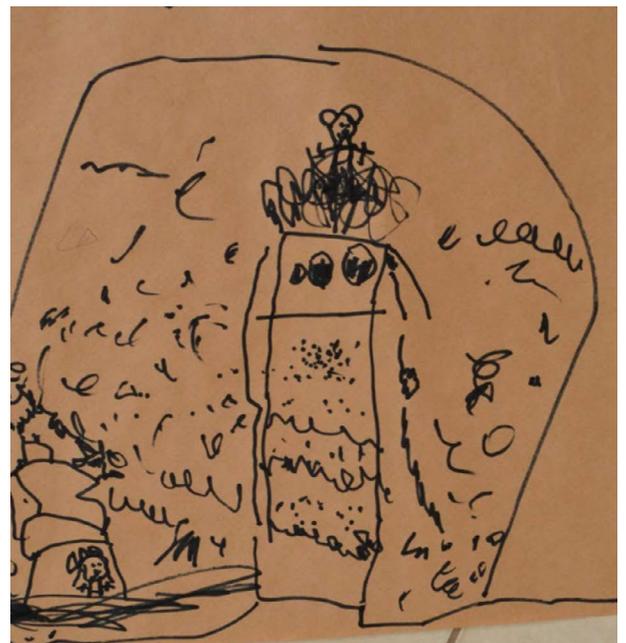


De um traço, surge a escola



"esse é o chão e essa sou eu" Olívia

"Eu desenhei a árvore, a vassoura, a fita e a escada"
Olívia



Capítulo 3

Como comunicar um processo documentativo tão complexo e ambicioso para promover a visibilidade das crianças e dos adultos ao mesmo tempo?

A seguir, algumas premissas úteis, quase uma bússola para trabalharmos o caminho da documentação pedagógica na escola de educação infantil.

Instrumentos utilizados na documentação pedagógica

- Observações manuscritas do que é dito e feito.
- Registro em áudio e vídeo.
- Fotografias.
- Gráficos realizados com computador.
- Os próprios trabalhos das crianças como fonte de registros.



O percurso educativo torna-se concretamente visível por meio de uma documentação atenta dos dados relativos às atividades, para os quais se podem valer tanto de instrumentos de tipo verbal, gráfico e documentativo, quanto de tecnologias audiovisuais.”

(RINALDI, 2014, p. 157)

Não é fácil captar os acontecimentos durante uma experiência de observação das crianças em ação, mas é possível nos cercar de instrumentos que nos ajudem nessa direção.

Em primeiro lugar, é necessário que o professor tenha uma postura de professor pesquisador,² disposto a se engajar na busca de saberes sobre o que está ocorrendo, sobre os interesses das crianças. É necessário manter a postura de escuta atenta e sensível, os movimentos, os silêncios, as reações faciais, corporais das crianças etc., tudo é “escuta” quando se está disposto a ouvir.

“Um gravador ligado funcionará como memória ‘objetiva’ dos diálogos que acontecerão no grupo”, aponta Rubizzi (2014, p. 98). Uma prancheta com papel e caneta em que se pode fazer breves anotações sobre o que se vê, sente ou pensa durante as observações das crianças individualmente ou em pequenos grupos. Um vídeo realizado pelo celular pode eternizar um diálogo entre as crianças. Mais tarde todos esses elementos em composição poderão dar pistas para a produção de sentidos e de uma primeira narrativa documental sobre aquilo que se viveu, se percebeu.

Importante lembrar que o professor não consegue documentar todos os

processos nem fazer observação rigorosa de todos os alunos ao mesmo tempo, por isso, a importância de pensar, projetar experiências em pequenos grupos, trios, ou mesmo realizar recortes de observações individualizadas de cada criança, como modo de captar o maior número de informações e percepções possíveis diante de dada situação de pesquisa, cada situação de aprendizagem.

As observações devem ser planejadas, com roteiros de quais grupos serão observados com maior ênfase em determinado dia ou momento. Claro que há acontecimentos que saltam muito as projeções temporais que fazemos, e então, nesse momento, pode-se interromper determinado objetivo inicial de registrar tal e qual grupo em detrimento de alguma ocorrência de grande relevância e interesse em outro grupo.

Não há uma regra rígida, nem protocolos engessados, o que queremos dar aqui são alguns subsídios para que os registros documentais possam ser garantidos diariamente, de modo a contemplar ao longo dos dias todo o grupo de crianças.

Para que esses instrumentos de observação sejam pertinentes, antes de tudo é preciso ancorá-los na pedagogia da escuta e da relação, como dito por Hoyuelos (2007):



Praticar a escuta é decisivo para que a criança construa o sentido do que faz e encontre o prazer e o valor de querer se comunicar. Ouvir é, de fato, uma arte para entender a cultura infantil: sua forma de pensar, fazer, perguntar, teorizar ou desejar. Ouvir é estar atento, com todos os sentidos, para reconhecer todas as linguagens da infância na sua relação com o mundo.”

(Hoyuelos, 2007, p.?)

2 Já trabalhamos com esse conceito no caderno 2 desta série de cadernos FEAC.

Apresentamos a seguir um instrumento de observação que vem sendo utilizado por professores da educação infantil e apoia a escuta dos processos de aprendizagem e criação das crianças.

Data / /	
Organização do espaço e materiais (contexto de aprendizagem)	
Boas perguntas O que vou observar	
Observação e escuta no contexto de aprendizagem	
Foco de aprofundamento e problematização (Relançamento)	

O cotidiano das escolas de educação infantil nos abre para muitos elementos importantes diários para realizar uma documentação. Por exemplo, a pesquisa temática que acontece no grupo, uma pequena experiência de aprendizado no momento do parque ou, ainda, um

pequeno grupo organizando a mesa do almoço. São inúmeras possibilidades para documentar. Assim, a seguir dispomos um instrumento, por meio de um QRcode, que pode nos ajudar a ampliar o olhar para as múltiplas oportunidades de documentação do cotidiano extraordinário da escola.

Que caminhos seguir?

Propomos um caminho para uma documentação pedagógica consistente, que olhe as potências criativas de nossas crianças, as inúmeras possibilidades que nos provocam a desenvolver por meio de um currículo emergente e significativo, pois que tudo que se faz e vive nesse processo de ensino com as crianças é fruto de pesquisas, interesses, buscas de sentidos e é foco de ser documentado enquanto processo e experiências de vida e de aprendizagem.



3.1 Materiais colhidos durante a experiência

Os materiais colhidos durante a observação devem ser utilizados como fontes de consulta e inspiração para análises e

interpretações pelo professor e seus pares (outros professores, gestores envolvidos na proposta educativa da escola).



As anotações, as gravações, os slides, representam fragmentos de uma memória que parece, assim, “objetivar-se”. De fato, se cada fragmento está cheio de subjetividade de quem documentou, ele se oferece, porém, à subjetividade interpretativa de muitos para ser conhecido ou reconhecido de novo, e também criado e recriado como evento de conhecimento.”

Rubizzi, 2014.

A cultura do “eu faço tudo sozinho” precisa ser substituída pela cultura do “nós fazemos juntos”. Ao abrir suas práticas educativas e registros documentais para discussão e análise com outros pares, todos ganham: a equipe de educadores, as crianças, a família, ou seja, a comunidade escolar ganha porque fortalece suas relações internas, suas percepções enquanto identidade institucional, há a valorização dos saberes dos educadores e suas habilidades específicas (às vezes, um educador gosta de criar materiais digitais, outro gosta de narrar, outro prefere gravar e transcrever, assim somam-se as habilidades, e o trabalho em pequenos grupos também acontece entre os professores, tal qual deve ocorrer entre os alunos).

Como promover uma educação em pequenos grupos com os nossos educandos se muitas vezes, como educadores, não conseguimos compartilhar nossas práticas com os colegas, seja pela falta de hábito, pela ausência de autoconfiança, pela abundância de críticas em detrimento do espírito colaborativo? Essa partilha é também um aprendizado para o educador.

Ser um professor que documenta a prática pedagógica nessa perspectiva, exige sobretudo ser pesquisador, ouvir, falar e escutar a si, aos demais e principalmente as crianças. Ser um professor que colabora e cresce com seus pares na estruturação de suas próprias teorias, na recriação de seus saberes pessoais e coletivos.

Gravador registrando a fala das crianças



A pedagogia da relação e da escuta deve ser praticada entre nós, adultos educadores, entre nós e as crianças, entre nós e as famílias. Não dá para ser professor do século XXI trabalhando isoladamente, pensando que só o projeto da minha sala

de aula merece louros. É preciso fortalecer a prática coletiva no cotidiano das nossas escolas, e a documentação pedagógica não só carece de práticas colaborativas como favorece tais experiências.



A hipótese que propomos é de que, quando os professores refletem e se confrontam sobre as escolhas e as ações que cumprem, a consciência das suas propostas com as crianças aumenta de maneira significativa. Tornam-se mais capazes de escutar as crianças, de estar em sintonia com as suas estratégias de aprendizagem e mais disponíveis para introduzir mudanças nas didáticas. O confronto entre colegas é percebido e apreciado como recurso para a construção do próprio profissionalismo. Na nossa experiência, cada percurso documentativo é estruturado para favorecer o confronto e o amadurecimento no interior de dinâmicas em que a subjetividade e a intersubjetividade procuram um diálogo permanente. ”

(RUBIZZI, 2014, p. 96)

3.1.2 Primeiro esboço de documentação e outros tantos antes da finalização do material

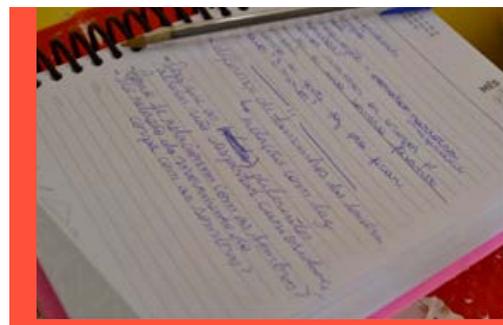
Feitos os registros iniciais, as anotações, fotografias e materiais produzidos pelas crianças, o professor realiza seu primeiro esboço de documentação pedagógica e o compartilha com seus pares (ou outro educador) que lhe ajudará na interpretação e construção de sentidos sobre o material já produzido inicialmente.

Muitas anotações, não raras vezes, deixam de fazer parte desse material em sua forma final, pois é necessário comunicar com clareza, com poética, sem, contudo, tornar esse material demasiadamente extenso a ponto de se perder o interesse na narrativa e o foco principal que é dar visibilidade ao processo de experiências vividas pelas crianças naquele contexto explicitado.

A pesquisa da turma e a pergunta inicial

Montagem do contexto investigativo aprofundando a pesquisa

Projetação da escuta: boas perguntas norteadoras para a documentação pedagógica



Como as crianças se relacionam com as sombras?

Há relação de movimento do corpo com a composição da sombra?

Perceberão a diferença de tamanho das sombras e a relação com a fonte de luz?

Esse processo de interpretação crítica das anotações e da primeira documentação deve ser realizado num ambiente de confiança, numa relação ética entre os educadores que dele fazem parte, para que as análises críticas realizadas sejam rigorosas, metódicas, coerentes, mas

sejam também um processo dialético, democrático e poético, sem causar constrangimentos para os envolvidos, mas, ao contrário, ampliar-lhes as perspectivas, os entendimentos e os sentidos que possam brotar daquela documentação.

	<i>Observações e escuta</i>	<i>Possíveis focos de aprofundamento</i>	<i>Problematizações Novas perguntas</i>	<i>Relançamento</i>	
FICHA DE OBSERVAÇÃO DA VIVÊNCIA E RELANÇAMENTOS	<i>Vera</i>	Se deteve nos detalhes muito pacientemente Incorpora emoção humana nas folhas - narrativa emocional Sugere usar as folhas como molde para a estrutura (dedicando-se aos detalhes)	Detalhes pequeninos Narrativas Desenho estrutural	Problematizar as estruturas mais gerais (visão ampliada com esboços e estruturas)	Contextos que ampliem a visão estrutural prévia aos detalhes Materiais: carvão e papel em dimensões maiores e em posição vertical Representação da figura humana em tamanho real
	<i>Daniel</i>	Muito vigoroso nos traços Manchas sólidas com muita pressão Observação atenta aos colegas	Gesto vigoroso: força e dinâmica Representação visual	É preciso evocar mais a percepção visual e a representação de imagens	Trabalhos intensos com o corpo criando registros de dinâmica e força em maior escala Representação da figura humana em tamanho real
	<i>Isabela</i>	Se dedica às narrativas Uso criativo dos elementos (cores e Simbologias)	Narrativa e representação do pensamento pelo desenho	Alto grau de representação pela narrativa: potencializar Como a percepção visual pode apoiar o repertório de imagens?	Oferecer livros de artes na biblioteca com imagens para ampliar repertório Narrativa de um livro ilustrado de histórias
	<i>José Pedro</i>	Desenho de linhas bastante dedicado Massas de cor e representação de luz e sombra	Luz e sombra Desenho de observação	O desenho afetivo transforma a narrativa. Como ampliar a percepção visual em diálogo com o afeto? O que afeta Jose no cotidiano?	Desenho de luz e sombra com carvão - narrativa de afetos e representação plástica volumétrica
	<i>Laís</i>	Incorporação de elementos no trabalho - deslocamento Dedicada à representação de cores Formas são suporte para a criação da cor e a incorporação dos objetos deslocados	Incorporação e deslocamento Luz e sombra Cores Estruturas do desenho	Apresentou estrutura de desenho bastante elaborada. Como explorar as estruturas previas linha, traço... A incorporação de outros elementos no desenho pode ser explorada na tridimensionalidade	Construção de uma escultura com elementos tridimensionais com arame (linha no espaço) e elementos deslocados para a incorporação, como gravetos, sementes lisas, cascas de árvores e flores secas

A natureza em diálogo:

representação das folhas e o desenho de observação



Protagonistas - Jose Pedro, Daniel, Vera, Laís e Isabela (5 anos)

Jose Pedro se dedica ao traçado das linhas da folha. Uma representação afetiva.



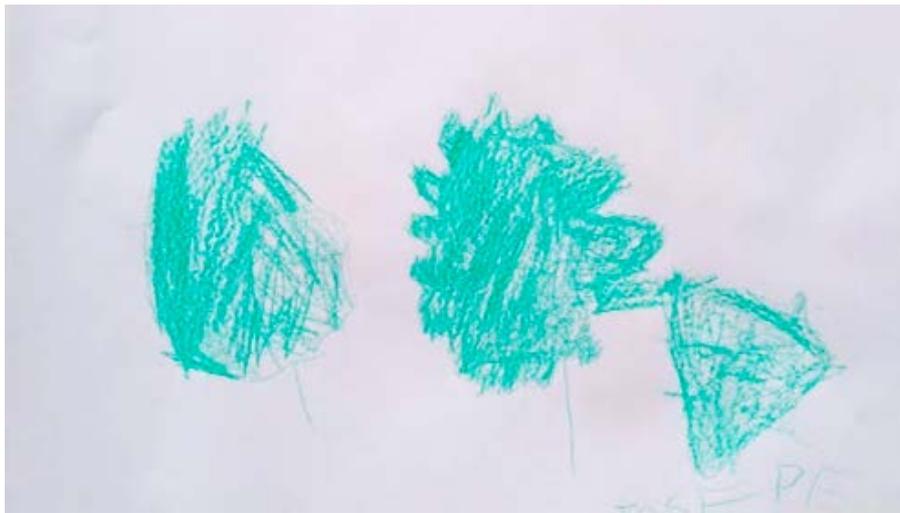
"Vou desenhar a mão fazendo carinho na folha" - Jose Pedro



Assim como Jose Pedro, Laís se afeta pelas linhas da folha, após contornar a forma, se detém no traço minucioso, sempre observando.



Após estudar as linhas da folha, Laís percebe a composição maciça das cores.



Jose Pedro cobre a forma com a massa de manchas concisas respeitando luminosidade e sombra

Nesse movimento, percebe que a folha coberta precisava de mais amarelo. Retoma o lápis e um pouco mais vigorosamente faz surgir o tom desejado.



Depois de se dedicar na representação da folha, ao qual escolhe usar o lápis laranja, Isabela exclama:



"A folha é laranja. Agora uma árvore de laranja" Após representar uma figura ao lado.

"Agora vou fazer grama com o amarelo" - Isabela





Daniel intervém em seu pensamento: "Mas a grama é assim, não 'assim'" E mostra o lápis verde.

"Não! Ela é do campo, então é grama de palha." - Exclama Isabela, Daniel concorda e ela segue seu desenho.

"O meu é um quadro!" Daniel exclama orgulhoso, quando circula com traços mais leves criando moldura para seu trabalho.



Assim como Laís, Vera desenha a forma da folha ressignificando o objeto como sujeito de desenho.

A cobertura das cores não se apresentam maciça... Vera controla a pressão para que as manchas não se intensifiquem.



"Essa uma folha está feliz e essa triste" - Vera

Para isso, é necessário novamente lembrarmos da necessidade do encontro ético, de uma aliança comunicativa ancorada nessa ética respeitosa com o outro, com a produção do outro, dos outros. Uma gestão democrática e dialógica

das relações durante a interpretação e a construção da própria documentação.

Como explica Filippini sobre a negociação do entendimento coletivo dos vários pontos de vista,



Convictos de que o enriquecimento recíproco pode ser alcançado somente de pontos de vista integrados e conectados das partes, procuramos criar uma rede de participação que é o resultado de muitos pontos de vista diferentes. ”

(FILIPPINI, 2014, p. 56)

Assim como referenda Rinaldi em várias partes de sua escrita, a documentação é,

então, esse processo dialético, afetivo e também poético (Rinaldi, 2014).

3.2 Como nasce a documentação pedagógica no cotidiano das escolas de educação infantil?

A documentação pedagógica nasce com uma abordagem de ensino para crianças. Como eixo propulsor de reflexão, ela serve como estratégia de promoção de uma pedagogia da escuta e da relação, mas serve também como instrumento de promoção da cultura das infâncias, dando visibilidade ao trabalho docente e pedagógico numa comunidade escolar.

Não tem como pensar em documentação pedagógica sem escuta, sem prática democrática, sem encontro ético, sem pesquisa, pois são esses elementos que adensam o terreno no qual as práticas



de ensino e de registro acontecem e se revigoram, se ressignificam inclusive com/ pela própria prática da documentação pedagógica.

A documentação pedagógica fica potencializada quando há trabalhos em pequenos grupos com as crianças. Há de se ter cuidado no planejamento das ações

com intencionalidade, para possibilitar o trabalho de documentação em pequenos grupos, com o apoio do professor auxiliar ou monitor, pois dessa forma o olhar

do observador fica mais focado, atento, dedicado e sensível à captação dos sentidos que são produzidos na relação das crianças quando organizadas em grupos menores.



Há de se criar a cultura de trabalhos em grupos em nossas escolas. De trabalhos em pequenos grupos, até mesmo entre nós educadores, gestores, precisamos exercitar a colaboração, a complementação do pensamento do outro, a confrontação do pensamento do outro, de modo respeitoso e que propicie o crescimento a todos.

Mini-histórias também são resultado de um trabalho de escuta e de documentação pedagógica muito oportuna nessa

abordagem que estamos estudando aqui. Como o próprio nome enseja, mini-histórias são narrativas que registram parte das experiências vivenciadas pelas crianças e seus educadores em contextos de experiências de pesquisa, em contextos de aprendizagem. Mini-histórias são breves narrativas visuais, resultando de muitos tipos de registros documentais, como fotografias, vídeos, áudios, gravações, anotações dos professores que observam os contextos.



Elas tornam visíveis, de modo parcial e subjetivo, os processos e as estratégias de aprendizagem usados pelas crianças, individual e coletivamente. Elas permitem ler, visitar, avaliar – ações que são parte integral do processo de construção do conhecimento. Elas são essenciais para entender processos cognitivos, bem como relações entre crianças e adultos.

(Rinaldi, no prefácio do livro *The Hundred Languages in Ministories*, 2016, em tradução livre dos autores.)

Sintetizando todos esses conceitos em uma tabela

Na tabela a seguir apresentamos uma síntese dos conceitos que discutimos até aqui: livro da vida, portfólio, fichas avaliativas/boletins e a documentação pedagógica.

	O quê	Como/Quando	Finalidade/ Para quê	Abordagem pedagógica
Livro da vida	Uma espécie de diário de bordo com registros dos acontecimentos mais relevantes da vida, da vida na escola, que fizeram parte dos conteúdos trabalhados, aprendidos pelos alunos.	Feito por alunos e professor regularmente na semana (pelo menos uma vez na semana). Pode conter gravuras, fotos, produções, falas, narrativas, dos alunos.	Registrar os fatos relevantes para os educandos e a comunidade escolar como forma de um memorial de jornada.	Faz parte das propostas pedagógicas socioconstrutivistas, sobretudo, da pedagogia freinetiana. Conta com a participação dos educandos em sua confecção.
Portfólio	Conjunto de produções do educando ao longo de um período de tempo estabelecido.	Geralmente no contexto de algum projeto pedagógico específico ou mesmo ligado à periodicidade do ano letivo (bimestre, trimestre etc.)	Registrar o percurso de ensino e aprendizagem, servindo como memorial e objeto de reflexão sobre os alcances da aprendizagem e disparador de novos planejamentos para o currículo escolar.	Quando feito em conjunto com o aluno, tem grandes chances de fazer parte das pedagogias participativas. Obs.: em alguns casos, o professor organiza o portfólio direcionando todo o seu conteúdo. Nesse caso, o portfólio deixa de ser um instrumento democrático.
Fichas avaliativas/boletins Informativos ou descritivos	Contém informações pontuais, geralmente preestabelecidas por uma fórmula universal adotada pela escola, com itens e subitens a serem observados e anotados segundo a habilidade alcançada por cada criança. Mesmo quando é descritivo, o boletim ou as fichas tendem a se pautarem em “alcances e não alcances” de certas habilidades esperadas para aquela faixa etária.	Geralmente são feitos de acordo com o calendário escolar e normalmente apresentados como resultados de percurso nas reuniões de conselho de classe e/ ou nas reuniões de pais e mestres.	Para noticiar os alcances e não alcances dos educandos em relação a um programa preestabelecido de metas de aprendizagem.	Em sua maioria, fazem parte de propostas pedagógicas menos abertas. São elaborados exclusivamente pelo docente ou equipe técnica que atende a criança.

Documentação pedagógica

Contém registros de percursos de aprendizagens, de pesquisa, das crianças e seus educadores. Apresenta falas, pensamentos e interpretações das experiências das crianças em seus contextos de investigação, dando visibilidade às culturas da infância.

Serve como instrumento de reflexão das práticas de ensino dos educadores e da instituição escolar, assim como fonte de relançamento de novos contextos de pesquisas para as crianças.

É confeccionada através de escuta, contendo narrativas, fotos, vídeos, produção das crianças, trabalhos em grupos colaborativos.

Feito sistematicamente no cotidiano escolar que se embasa na pesquisa como metodologia de trabalho e nas múltiplas linguagens da criança ativa.

É um registro interpretativo e sistemático dos processos de pesquisa e desenvolvimento das teorias, pensamentos e produções da comunidade escolar, em especial das crianças, individualmente e/ou em pequenos e grandes grupos.

Pertence às pedagogias democráticas-participativas com abordagem de ensino apoiada pela pesquisa na escola.



Para finalizar, faremos um convite!

Após apresentarmos brevemente este material sobre documentação pedagógica, propomos um desafio e convite a que os nossos leitores educadores documentem um percurso de um contexto investigativo de um grupo de crianças ou de uma criança. Exercitem a escuta, a pedagogia da relação e, munidos de instrumentos para os registros, coloquem-se nesse desafio! Mãos à obra!

Compartilhem seus apontamentos com seus pares de trabalho, exercitem a escuta e a análise das anotações e dos registros realizados. Negociem sentidos e, após várias revisões, assim que se derem por satisfeitos, tornem essa documentação pública em sua comunidade de crianças e famílias.

Documentem o processo vivido por você, educador, e as relações que estabeleceu entre teoria e prática, assim como as novas percepções que adquiriu ao final dessa jornada de professor-pesquisador-documentador.

Se possível, envie para nós da equipe editorial deste caderno. Ficaremos muito honrados e felizes em conhecer um pouco da sua trajetória nesse processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Giovana Carla Cardoso. Nas asas de Ícaro: uma análise da Pedagogia Freinet do 2º ao 5º ano do ensino fundamental na perspectiva da ação docente continuada. 2007. 284 f. Tese (Doutorado) – Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14192>>.
- KOHAN, W. Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica. São Paulo: Vestígio, 2009.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Beyond Quality in Early Childhood Education and Care: Postmodern Perspectives. Londres; Nova York: Routledge Falmer Taylor & Francis Group, 2004.
- FILIPPINI, Tiziana. Sobre a natureza da organização. In: ZERO, Project. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014. p. 54-59.
- FREINET, Célestin. As técnicas Freinet da escola moderna. Lisboa: Editora Estampa, 1975.
- _____. O texto livre. Lisboa: Dinalivros, 1976.
- FREINET, Célestin; SALENGROS, R. Modernizar a escola. Tradução: Ana Barbosa. Lisboa: Dinalivro, 1977.
- HOYUELOS, Alfredo. La ética en el pensamiento y obra de Lóris Malaguzzi. Barcelona: Ocataedro, 2004.
- LUCKESI, C. C. Avaliação de aprendizagem escolar. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MOSS, P. Transformative Change and Real Utopias in Early Childhood Education: a story of democracy, experimentation and potentiality. Londres: Routledge, 2013.
- MOSS, Peter. Microprojeto e macropolítica: aprendizagem por meio de relações. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 113-117; 124.
- REGGIO, Children. The Hundred Languages in Ministories: Told by Teachers and Children from Reggio Emilia. Davis Publications, INC., USA, 2016.
- REGGIO, Children. Regimento das escolas de Reggio Emilia. 2012.
- RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- RUBIZZI, Laura. Documentar o documentador. In: ZERO, Project. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Reggio Children. São Paulo: Phorte, 2014. p. 96-117.
- VILLAS BOAS, B. M. F. O projeto político-pedagógico e a avaliação. In: VEIGA, I.; RESENDE, L. (Org.). Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas: Papyrus, 2001.
- ZERO, Project. Tornando visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Reggio Children. Tradução: Thaís Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2014.

